

APRESENTAÇÃO DO DOSSIÊ:

Culturas de fronteira: trânsitos, trocas e disputas históricas

Organizadores:

Ivan Lima Gomes (Universidade Federal de Goiás)
(igomes2@ufg.br)

Maria Cristina Bohn Martins (Unisinos)
(mcris@unisinos.br)

Sebastian Horacio Gago (Univ. Nacional de Córdoba)
(sebastian.gago@unc.edu.ar)

Termo polissêmico, “fronteira” se tornou uma categoria analítica fundamental para a reflexão crítica no campo das Humanidades e, mais especificamente, no interior dos estudos históricos. Para além do sentido estritamente espacial já bem estabelecido no dia a dia e que associa fronteira apenas à delimitação de uma área ou região, esta categoria pode igualmente ser compreendida enquanto um espaço de trânsitos e trocas que se dão tanto em níveis econômico-sociais como em níveis culturais e identitários. As fronteiras demandam um olhar atento às especificidades envolvendo sua construção histórica, levando a uma problematização mais ampla sobre as condições sociais que levaram à construção das relações entre espaços historicamente estabelecidos e as práticas que decorrem destes trânsitos. Enquanto eixo articulador, a categoria “fronteira” possibilita realizar uma historicização profunda de categorias sociais e, no limite, da própria ideia de espaço. Pensá-la no tempo, tal como sugere Alejandro Grimson a partir do conceito de “fronteirização” (2003, p. 15-34), torna-se, portanto, fundamental. Não por acaso, no interior da historiografia, a ela pode ser associada um conjunto mais específico de abordagens teórico-metodológicas – história comparada e história transnacional, apenas para citar dois exemplos – que articuladas, por exemplo, a uma noção como a sw “zonas de contato”, de Mary Louise Pratt (1999), possibilitam refletir sobre a fronteira enquanto um espaço poroso, de trocas e de agenciamentos, mas também prenhe de tensões e conflitos.

Desdobramento do colóquio internacional “Diversidade das culturas”¹, cuja 11ª edição ocorreu em 2022 nas dependências Faculdade de História da UFG, em Goiânia, o dossiê

¹ O colóquio se articula a atividades de investigação financiadas a partir da aprovação do projeto interinstitucional no âmbito do Programa Centros Associados para o Fortalecimento da Pós-Graduação Brasil-Argentina/CAFPBA CAPES/SPU (Projeto 060/2014). Atualmente, o Grupo Diversidade das Culturas foi contemplado no edital de internacionalização para grupos consolidados (Chamada CNPq 14/2023), na área de Humanidades.

“Culturas de fronteira: trânsitos, trocas e disputas históricas” recebeu artigos que refletiram sobre a noção de fronteira desde uma forma ampla e complexa, explorando as possibilidades analíticas e os desdobramentos críticos sugeridos por tal categoria. Em conjunto, os artigos possibilitam uma leitura original sobre a história latino-americana, passando por episódios que abrangem os recortes clássicos envolvendo o período colonial, o século XIX e os debates sobre projetos nacionais, chegando às primeiras décadas do século XXI. A disposição dos artigos no dossiê seguiu uma sequência temporal, seguindo os recortes cronológicos propostos por cada texto.

Em “Travessia atlântica: a trajetória de um casal açoriano rumo à fronteira da América Meridional”, Claudia Schemes (Feevale), Letícia Vieira Braga da Rosa (Feevale) e Magna Lima Magalhães (Feevale) discutem a trajetória de um casal oriundo dos Açores e que, ao integrar-se à “Política de Casais” promovida pela Coroa Portuguesa para a ocupação e defesa do seu território americano, desloca-se para o sul da América Portuguesa no século XVIII. O artigo explora os “desafios fronteiriços para povoar o extremo sul da América Portuguesa”, valendo-se da rica documentação dos registros de livros eclesiais.

Em “‘África sonolenta’: o espetáculo de uma doença colonial”, o diálogo com a temática das fronteiras se dá desde a perspectiva da história da saúde e das doenças, partindo uma reflexão sobre a chamada “doença do sono”, nos marcos da chamada “Partilha da África” durante o século XIX. Ciente de que o debate trans-imperial sobre a medicina tropical ultrapassava as fronteiras entre os impérios coloniais, Sílvio Marcus de Souza Correa (UFSC) parte de uma minuciosa análise documental, que se vale de fontes visuais como fotografias e obras cinematográficas. Por meio delas, explora as intersecções entre uma espetacularização da doença e a propaganda colonial, concluindo que esta última “valeu-se da medicina tropical para buscar uma forma de legitimação de uma bio-política nos espaços coloniais”.

Já em “Historiar a questão conforme as necessidades modernas e as conveniências do tempo: José Leão Ferreira Souto, A Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro e o problema dos limites do antigo Norte (1888-1890)”, temos uma análise das contribuições de José Leão Ferreira Souto no processo de definição do Norte e dos limites do Rio Grande do Norte no período entre 1888 e 1890. Sócio efetivo da Sociedade Brasileira de Geografia do Rio de Janeiro, a participação de Ferreira Souto nestes debates é mapeada no artigo de Magno Francisco de Jesus Santos (UFRN) desde o ponto de vista historiográfico. A contribuição de Ferreira Souto ao debate sobre as fronteiras aliou a defesa da erudição à crítica documental

como um princípio para a escrita da História. Logo, o debate sobre os limites espaciais do “antigo Norte” lhe possibilitou realizar uma “apropriação da moderna metodologia da História”.

Em, “‘A ‘Questão Nabileque’: estratégia, geopolítica e legitimação das fronteiras (1905-1940)”, as pesquisadoras Ana Beatriz Ramos de Souza (SME-RJ) e Hevelly Ferreira Acruche (UFJF) partem de documentação diplomática e das repercussões na grande imprensa brasileira para compreender “o pensamento estratégico militar” envolvendo a ocupação militar no território do atual estado do Mato Grosso do Sul e os debates envolvendo as fronteiras de Argentina, Brasil e Paraguai. O artigo traça uma ampla história das contendas e debates relacionados à “Questão Nabileque”. Cobrindo desde o período da Primeira República aos momentos finais do Estado Novo varguista, o artigo possibilita refletir sobre a historicidade da noção de fronteira e a sua relação com as transformações políticas do período.

O próximo artigo dialoga com a temática desenvolvida por Souza e Acruche. Em “Além do nacionalismo: uma visão liberal sobre a fronteira do Brasil com o Paraguai e a Argentina na primeira metade do século XX”, Jiani Fernando Langaro (UFG) discute as mediações empresariais presentes nas interpretações sobre a trílice fronteira em Foz do Iguaçu a partir da análise de um material publicitário lançado em 1931. De modo a construir um cenário onde a fronteira se torne uma espécie de oásis liberal para ser explorado por empresários do ramo madeireiro e colonos, o material confronta-se com outras memórias que circulavam sobre a região, que enfatizavam a “invasão estrangeira” e a degradação ambiental e moral, social dela decorrente. Com isso, Langaro sugere que o debate sobre fronteiras pode contribuir diretamente para uma reflexão mais ampla sobre as memórias em disputa acerca de contextos históricos e geográficos específicos.

Em “O Futebol na fronteira Brasil-Uruguaí: racialização e protagonismos da comunidade negra em Jaguarão na década de 1930”, Caiuá Cardoso Al-Alam (Unipampa), a categoria “raça” assume centralidade, através do esporte, para a investigação sobre o debate envolvendo a fronteira Brasil e Uruguaí na década de 1930. Al-Alam defende que, a despeito de pautas elitistas e discriminatórias que marcaram o futebol nas primeiras décadas do século XX, o esporte logo se tornou objeto de disputas entre diversos atores sociais. Por meio dele, construiu-se uma complexa sociabilidade negra, que não pode ser ignorada para a compreensão histórica da “construção da prática do futebol na fronteira”.

Avançando para as décadas finais do século, o artigo de Pablo Ponza (CONICET-IDACOR-UNC) procura revisar o debate intelectual envolvendo a transição para a democracia na Argentina pós-ditadura militar (1976-1983). Para tanto, Ponza dedica-se a analisar três revistas, que seriam representativas das principais referências para o debate, a saber, o socialismo democrático, o peronismo e a Unión Cívica Radical. Como hipótese inicial, aponta convergências entre os três projetos intelectuais, envolvendo a “necessidade de estabelecer um pacto político e social” e de uma “revisão de suas culturas políticas”, explorando a atuação destes grupos por meio da análise de revistas políticas, a eventual incorporação de alguns grupos no governo de Raúl Alfonsín (1983-1989) e o deslocamento de outros para a oposição, como no caso dos peronistas.

O artigo “Revolta Política e Contradições Sociais na Guiana Francesa: o movimento de março/abril de 2017 através do Jornal France-Guyane”, de Iuri Cavlak (Unifesp), explora um acontecimento na história recente da Guiana Francesa para refletir sobre as transformações políticas neste território francês nas Américas e que se constitui, ainda hoje, como a maior segunda região da França. Ao realizar uma leitura detida e densa de um periódico publicado em Caiena, Cavlak pôde explorar, a um só tempo, a aproximação entre o episódio e outras manifestações políticas recentes, como a série de eventos chamada de Primavera Árabe, e as maneiras muito específicas pelas quais a revolta foi enfrentada. Sobre este último ponto, devido à “peculiaridade do estatuto político da Guiana Francesa”, suas autoridades ficaram “na maior parte do tempo, ao lado dos revoltosos, as vésperas das eleições presidenciais francesas”. Diante das recentes tensões envolvendo Guiana Francesa e Venezuela e as fronteiras brasileiras, um artigo sobre a história política recente da Guiana Francesa é muito bem-vindo.

Em diálogo com o artigo acima e com o debate envolvendo as fronteiras ao norte do Brasil, Rafael Pinheiro de Araújo (UERJ) e Erica Sarmiento da Silva (UERJ) discutem os impactos humanitários dos dez primeiros anos de governo Nicolás Maduro na Venezuela. Em “O governo de Nicolás Maduro (2013-2023): crises, autoritarismo e migrações forçadas”, o foco recai sobre a Operação Acolhida, iniciada pelo Brasil em março de 2018, e em suas especificidades estratégicas e sociais e, em especial durante o governo de Jair Bolsonaro, localizado à extrema direita do espectro político. Com uma análise que não poupa críticas à Maduro e ao seu papel no ocaso da “Revolução Bolivariana”, Araújo e Silva refletem sobre a “Operação Acolhida” por meio da categoria original de “fronteira híbrida”, que envolve, no

caso em questão, acolhimento com militarização, ocasionando “lacunas entre a retórica e a realidade” ao promover uma abordagem humanitária tendo como foco a área de segurança.

Boa leitura!

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

GRIMSON, Alejandro. Los procesos de fronterización: flujos, redes e historicidad”. In: GARCÍA, Clara (org.). Fronteras: territorios y metáforas. Medellín: Hombre Nuevo Editores, 2003, p. 15-34.

PRATT, Mary Louise. Arts of the contact zone. In: BARTHLOMAE, D.; PETROKSKY, A. (orgs.). Ways of reading: an anthology for writers. New York: Bedford/St. Martin's, 1999, p. 581-600.